



A VERDADE, A ÁGUA E O HOMEM

Do Pecado Original ao Pecado Mortal

Altair Sales Barbosa

Dedicado a D. Pedro Casaldáliga, o peregrino do Sertão de Dentro.

Brotando das entranhas da terra, ou precipitando na forma de chuvas, granizo e neve, a água se nos apresenta na roupagem de vários personagens: pingos gotejando, fonte jorrante, torrente rugidora, cascata, lagos, rios e mares. Quando pura e límpida estimula a inteligência, quando suja, mata de maneira avassaladora, sendo responsável por 1,7 milhões de mortes por ano. É o único elemento encontrado no estado gasoso, sólido e líquido.

Sua origem se deve a fissura de minerais silicatados, em cuja composição entram átomos de hidrogênio e oxigênio, expelidos pelos vulcões ou lançados à atmosfera primitiva da terra pelo impacto de meteoros e meteoritos, isto aconteceu no alvorecer da história do nosso planeta. De lá para cá se passaram quase cinco bilhões de anos, até que um dia, entre os seres vivos do planeta terra, surgiu o gênero Homo, fruto de processos evolutivos complicados, antecidos de adaptações e mutações coroadas de êxito. Este fato se deu a pouco tempo, geologicamente falando, dois milhões de anos, numa época denominada Pleistoceno, caracterizada por mudanças climáticas que afetaram todo o planeta e, de forma decisiva o continente africano, berço da humanidade.

Os primeiros representantes do gênero humano, conhecidos como Homo-habilis, se apossaram das águas do antigo lago Turkana, impedindo que seus parentes os Australopithecineos, fizessem também uso dessa água. E assim, pela força sedimentada no egoísmo, nosso primeiro ancestral conduz à extinção nossos parentes próximos e com base na competição se estabelecem à margem do lago, transformando-o no seu território primordial e com isto, a humanidade ainda no seu alvorecer, na disputa pela água

comete o “Pecado Original”, fundamentado no egoísmo e no desejo de não compartilhar.

Do alto do seu poderio o Homo-habilis se transforma em Homo-erectus, conquistando além da África, a Ásia Menor, o Extremo Oriente e a Europa, sempre migrando ao longo de antigas fontes de águas cristalinas. Por volta de 200 a 150 mil anos antes do presente, o Homo-erectus dá origem ao Homo-sapiens primitivo, exímio caçador, nômade, cujo consumo de proteína animal o transforma num guerreiro fabuloso, mas extremamente dependente da água, quer para saciar sua sede, quer para suprir suas necessidades alimentares.

Por volta de 30 mil anos, o Homo-sapiens primitivo, agora transformado em Homo-sapiens-sapiens, já se encontra disperso pelos quatro cantos do planeta. Os vestígios arqueológicos demonstram que por muito tempo, nossos antepassados escolhiam seus locais de acampamentos ou locais para construir suas aldeias e cidadelas, levando em consideração a qualidade da água. Como artimanha usavam sacrificar um animal e examinar o seu fígado, se este estivesse azulado, poderia ser indícios de água ruim, mas se o fígado do animal se apresentasse com aspecto saudável, significava que ali tinha água de boa qualidade.

E assim, a humanidade foi estabelecendo uma relação de forte amor com a água.

Não é de se estranhar portanto, que nos primeiros documentos escritos dos Sumérios, já continham normas sobre a utilização da água.

Os camponeses sediados às margens do Nilo, do Eufrates e do Tigre tinham de evitar que esses rios por ocasião de suas enchentes invadissem suas lavouras, para isso inventaram primitivos, mas eficientes pluviômetros para medir o volume de vazão da água.

São incontáveis os dados registrados em antigos documentos escritos que assinalam o significado que se emprestava ao uso da água. No Eufrates, por exemplo, foi encontrada um lápide em calcário de mais ou menos 4 mil e 300 anos antes do presente com a seguinte inscrição: “Ur-Namu foi quem ordenou que se realizassem as obras dos canais; mas ele cede aos deuses a honra de fornecer a dádiva que é a água abençoada, que dá fertilidade as terras.”.

Também, no Velho Testamento se encontram inúmeros indícios da importância que se conferia à água. Eis um exemplo: “Empreendi grandes obras, edifiquei casas, plantei vinhas, fiz jardim e pomares e nestes plantei árvores frutíferas de toda espécie. Fiz

açudes para regar com eles os bosques em que reverdeciam as árvores (Eclesiastes 2, vers. 4 a 6).

A noção de que se devia economizar água estava profundamente arraigada na mentalidade dos nossos antepassados da antiguidade. O antigo provérbio grego dizia: “ O melhor, porém, é a água, melhor dos que os jogos olímpicos e do que o ouro.”

Foi Aristóteles o primeiro a estabelecer as relações entre a água da chuva e a água subterrânea.

Hipócrates faz inúmeras menções às fontes e seus poderes curativos.

Ainda na antiguidade as fontes mereciam a veneração dedicada às mães que, por sua vez, eram as protetoras dos lagos.

A água durante séculos foi utilizada como fonte de purificação, motivou João Batista no rio Jordão a expurgar o pecado original, usando-a como símbolo do batismo. Todas as religiões da terra a usam, com seus poderes mágicos nos seus rituais. É a madrinha dos querubins.

Foi nas margens do rio Niger em Timbuctu, que Ibn Batuta pregador do Islão pelas terras do norte da África ao lêmén, criou no século XI a primeira Universidade do mundo, para estudar a relação dos povos com a água e seus costumes.

E assim, acumulando conhecimentos o homem da pedra lascada, quase que num passe de mágica transforma-se em agricultor, promove no início a revolução muscular, depois a revolução mecânica, a revolução elétrica e nas últimas décadas a cibernética, matriz da revolução eletrônica. Entretanto, a tecnologia que o possibilitou sair do seu planeta e fincar bandeiras em outros rincões do sistema solar, trouxe também o consumismo voraz como modelo de desenvolvimento e progresso. E, em nome deste, uma pequena parcela da humanidade moderna, de posse dessa alta tecnologia, e representada por grandes empresas multinacionais desvinculadas dos estados e por isso, sem responsabilidade social e moral, se apossaram das águas modernas, poluindo os rios, construindo represas, desviando e transpondo o cursos das águas, sem levar em consideração as histórias evolutivas particulares de cada lugar.

O fato é que hoje temos conhecimento suficiente para afirmar que a água é um recurso finito, que em breve vai faltar em várias partes do mundo, que os aquíferos que sustentam os rios, estão na base mínima de suas reservas e que com a retirada da vegetação nativa a recarga desses aquíferos se torna impossível. Sabemos que necessitamos de água em nossas casas, também necessitamos dela para a produção de alimentos, para a indústria,

para produção de energia etc, mas também sabemos que sem saneamento, a água fonte da vida, se transforma num veneno letal.

Os donos do mundo já estão falando em privatização das águas, ou seja, querem considerar a água apenas um bem comercial, em contraposição aos que vêem a água como patrimônio da humanidade e que por isso, deve ser preservada e não privatizada, nem transplantada.

Agindo desta forma, os grupos poderosos, que em nome de um falso progresso já desestruturaram o território, orquestram agora o controle do planeta, pela privatização da água. Será o princípio do fim, porque a ganância associada ao egoísmo no seu mais elevado grau, fará o gênero humano se destruir pelo "Pecado Mortal".

O mais impressionante é que estes grupos ou seus representantes se arvoram em ser os defensores do planeta Terra. Temos que salvar o planeta, apregoam eles, nos seus sistemas de comunicação, tomando medidas enganosas e paliativas. Ora a terra tem 4,6 bilhões de anos, durante sua trajetória evolutiva sofreu várias percalços, já foi Pangéia, Laurásia, Gondwana, viu quase que a total extinção da vida, pelo impacto de meteoros, vulcões, furacões, etc, mas o nosso planeta, utilizando-se como parâmetro o tempo da natureza se refez, mesmo que de forma diferente, continuou sobrevivendo, e assim continuará. Ainda que um dia seque todas as fontes de água potável, com alguns milhões de anos, a velha Terra será capaz de se recuperar. Portanto a preocupação não deve ser com o planeta. A Terra não precisa do homem o homem necessita dela. Por isso, a preocupação deve ser com o gênero Homo, este sim, merece uma nova oportunidade, pois o modelo econômico predatório no qual está inserido, o encurrala num beco sem saída.

A água berço da vida na terra, poderia fazer renascer na cabeça da modernidade novas mentalidades. E, na iminência da sua falta, quem sabe novas consciências pudessem brotar, fazendo emergir a liberdade e a luta pela vida.